



Volume 12 – Número 29

**DOSSIÊ: INTERPRETAÇÃO PLURALISTA DAS RELIGIÕES**doi: [10.25247/paralellus.2021.v12n29.p125-149](https://doi.org/10.25247/paralellus.2021.v12n29.p125-149)

## **A ESPIRITUALIDADE TRANSRELIGIOSA NAS ROMARIAS E PEREGRINAÇÕES: O CASO DO JUAZEIRO DO PADRE CÍCERO ROMÃO**

SPIRITUALITY TRANSRELIGIOUS IN THE "ROMARIAS" AND  
PILGRIMAGES: THE CASE ABOUT JUAZEIRO OF FATHER CÍCERO  
ROMÃO

*José Artur Tavares de Brito\**

### **RESUMO**

Destaca a importância da pluralidade das expressões de fé no bojo do catolicismo popular. Saber que os diferentes sistemas religiosos particulares são complementares, e não excludentes. A romaria a Juazeiro do Norte/CE é um desses sistemas e constitui-se em um dos maiores eventos religiosos do Brasil e, por seu caráter de resistência popular, tem atraído a atenção de pesquisadores e pesquisadoras em diversas áreas do conhecimento, que buscam explicar suas origens e motivos, bem como os seus processos e transformações. Analisar as transformações na experiência religiosa dos romeiros do Juazeiro do padre Cícero Romão, no contexto de mudanças culturais mais amplas, buscando compreender as estratégias de hibridação como mecanismos de preservação e resignificação da romaria. Esta pesquisa em Ciências da Religião situa-se dentro do marco teórico e metodológico transdisciplinar, que destaca o conhecimento brotado entre e além das diversas áreas e sujeitos. Oferecer elementos para uma compreensão abrangente do diálogo interreligioso, entendido como uma atitude positiva e construtiva de abertura e escuta da tradição religiosa do outro, o que possibilita um enriquecimento recíproco através do compartilhar das riquezas éticas e espirituais que está cada vez mais presente no mundo moderno, plural e secularizado. Para entender a dinâmica de uma espiritualidade transreligiosa o estudo aprofunda a tipologia das romarias que constitui estudar as várias expressões de fé do povo. A pesquisa mostrou

---

\*Doutor em Ciências da Religião pela Universidade Católica de Pernambuco – UNICAP.

que a pastoral ecumênica deve ser entendida como uma abertura espiritual na qual cada pessoa assume profundamente a sua tradição de origem e a abre a outra.

**Palavras-chave:** Religiosidade popular. Romaria e espiritualidade. Diálogo inter-religioso. Ecumenismo e diálogo.

## ABSTRACT

It highlights the importance of the plurality of expressions of faith in the heart of popular Catholicism. To know that the different particular religious systems are complementary, not exclusive. The pilgrimage to Juazeiro do Norte / CE is one of these systems and constitutes one of the biggest religious events in Brazil and due to its character of popular resistance has attracted the attention of researchers in several areas of knowledge which seek to explain its origins and motives as well as processes and transformations. Analyze the changes in the religious experience of the pilgrims of Father Cícero Romão in Juazeiro within the context of broader cultural changes seeking to understand hybridization strategies as mechanisms for the preservation and redefinition of the pilgrimage. This research in Sciences of Religion is located within a transdisciplinary theoretical framework and methodology which highlights the knowledge that emerged between and beyond the different areas and subjects. Offer elements for a comprehensive understanding of interfaith dialogue understood as a positive and constructive attitude of opening up and listening to the religious tradition of the other, which makes possible a mutual enrichment through the sharing of the ethical and spiritual riches that is increasingly present in the modern world, plural and secularized. To understand the dynamics of a trans-religious spirituality, the study deepens into the typology of pilgrimages which constitutes studying various expressions of faith of the people. The research has shown that ecumenical pastoral must be understood as a spiritual opening in which each person deeply assumes his or her original tradition and opens up to another.

**Keywords:** Popular religiosity. Pilgrimage and spirituality. Inter-religious dialogue. Ecumenism and dialogue.

## 1 INTRODUÇÃO

Meu coração está aberto a todas as formas:

É uma pastagem para as gazelas,

E um claustro para os monges cristãos,

Um templo para os ídolos,

A Caaba do peregrino,

As tábuas da Torá e o livro do Corão.

Professo a religião do amor,

Em qualquer direção que avancem seus camelos;

A religião do Amor será minha religião e minha fé

(Ibn Arabi, *O segredo dos Nomes de Deus*).

As romarias se apresentam como um campo rico em possibilidades de pesquisa. Seu potencial de estabelecer identidades culturais, a imbricação com o fenômeno das peregrinações - que tomou dimensão alargada na contemporaneidade -, as possibilidades de continuidade e mudança que surgem a partir de tensões e contradições na concepção do fenômeno, os hibridismos presentes que suscitam maior aprofundamento, as persistências culturais relacionadas à dimensão ritual, proporcionando o revisitar de tradições e as apropriações do fenômeno por diversos agentes situados fora do campo religioso, são aspectos que garantem discussões promissoras para esta reflexão.

Estudar o fenômeno das romarias possibilita uma análise que incorpora, além do lazer e consumo, que fazem parte da experiência, as tensões e contradições vivenciadas no intuito de ressignificação do sagrado. No caso das romarias para o Juazeiro do padre Cícero Romão, a trajetória em si, desde a saída de casa até Juazeiro do Norte, delineia um eclético roteiro de visitação, como uma espécie de remissão daquilo que falta ao romeiro e à romeira. É nesse aspecto que me inspiro na afirmação de Geertz de que “o mundo não funciona apenas com crenças. Mas dificilmente consegue funcionar sem elas” (GEERTZ, 2001, p. 155). Embora essa distinção entre a racionalidade pragmática da versão científica da realidade e a escatologia vivenciada na religião seja exaustivamente procurada, percebe Geertz que “não há uma luminosa linha divisória entre as preocupações com o eterno e as do cotidiano, aliás, praticamente não vemos linha divisória alguma” (GEERTZ, 2001, p. 153).

O antropólogo americano Marshall Sahlins, em diálogo com o estruturalismo, nos anos de 1970, cunhou a frase: “quanto mais uma coisa permanece, mais ela se transforma” (SAHLINS, 1986, p. 72). Esta frase viria a se tornar um dos axiomas fundamentais da antropologia da história. A romaria de Juazeiro do Norte é um desses eventos de longa

duração que, embora possa ser analisada em sua continuidade, vem se transformando desde seu início até os dias de hoje.

## 2 TIPIIFICAÇÃO DAS ROMARIAS E DOS ROMEIROS

Uma corrente inspirada pela etnologia e pela análise sociológica da 'Teologia da Libertação' procura descobrir os valores que vivem no povo e são fundamentais da sua cultura. Segundo esta corrente, o catolicismo legítimo e verdadeiro é o catolicismo popular que é desconhecido e alienado pelo catolicismo dominante. O catolicismo oficial, dominante – dizem os protagonistas desta corrente – sempre foi o catolicismo dos dominadores. Segundo isto, agora se trata de “restituir à tradição popular a sua força performativa (Paulo Süss, *O catolicismo popular no Brasil*).

Juazeiro do padre Cícero Romão pode ser comparado com uma gama de experiências religiosas que chamamos de romaria, pois correspondem a um ato silencioso e forte de resistência cultural, de voltar às fontes do desejo mesmo com todas as adversidades. No estudo dos vários tipos de romaria poderemos identificar suas origens e elementos comuns (PEREGRINO, 2020, p. 138).

Todas as grandes religiões do mundo têm peregrinações na sua gênese, por isso é muito importante buscar algumas raízes antropológicas e históricas da romaria. O termo peregrinação, diante do ponto de vista histórico, é anterior ao termo romaria e expressa de forma mais ampla as raízes antropológicas do caminhar peregrinante da humanidade.

Na América Latina, as romarias do povo em busca dos lugares sagrados tiveram um número considerável. Enfatiza-se o caráter de penitência juntamente com o de conversão, que posteriormente se vinculou ao voto da promessa, que pela tradição e mentalidade indígena ganhou maior força. Na introdução ao estudo comparado das religiões, Aldo Natale Terrin faz ver que “no mundo cristão temos toda uma tipologia das peregrinações que se define a partir do lugar sagrado e, ao mesmo tempo, é marcada pelo tempo em que o lugar se constituiu e pela devoção que o inspirou” (TERRIN, 2004, p. 263).

No Brasil, as romarias surgiram a partir de peregrinações do povo a santuários que, ao menos no início, não eram compreendidos pelos bispos e padres. Muitas destas

Igrejas surgiram a partir de milagres que não foram acreditados pelos bispos e até hoje são pouco aceitos ou não reconhecidos pelos meios oficiais das Igrejas. Em todo o Brasil, vários dos santuários mais queridos do povo começaram a existir por movimentos e devoções que, com o tempo, passaram a receber peregrinos e peregrinas vindos de lugares cada vez mais distantes. Tornaram-se centros regionais e até nacionais. “Através das romarias a esses locais que as pessoas mais simples e pobres proclamaram como sagrados, o povo toma posse de uma terra santa, uma terra de milagre” (BARROS, 1996, p. 16).

Turner (1974) e Terrin (2004) nos fornecem uma teoria para compreender alguns elementos que podem tornar possível um primeiro esboço interpretativo das romarias. Primeiro de tudo, os lugares representam um ponto de partida para compreender as romarias. Sobretudo os lugares de chegada caracterizam as romarias no que se refere a sua tipologia. Terrin se apoiou em Turner afirmando que uma tipologia forte da peregrinação é a designação dos lugares, e um deles são os prototípicos que manifestaram-se através das

peregrinações que surgiram em seguida ao próton, à inauguração e volta ao “primeiro” lugar do fundador. Lá onde nasceu uma experiência religiosa singular, onde o fundador reuniu os seus primeiros discípulos, lugares originários nos quais aconteceu a primeira teofania religiosa à qual uma religião se refere. Aquele lugar se torna, então, capaz de transmitir a força e a energia originária, pode comunicar a graça do fundador, é um lugar que vai permitir reviver em toda a plenitude o momento originário de experiência de fé e de revitalização da fé; será um lugar para sempre “hierofânico”, expressão do sagrado e guardião das verdades das origens (TERRIN, 2004, p. 261).

Juazeiro do Norte é uma terra hierofânica<sup>1</sup> para o romeiro e romeira do padre Cícero Romão. O que Terrin (2004) afirma é o que acontece de verdade na “terra da Mãe de Deus”. É um lugar da manifestação do sagrado e também é lá onde se guarda a memória das origens. Nesse sentido Juazeiro torna-se revelador do sagrado. Por isso que, para o romeiro e romeira, a água do Juazeiro é diferente de todas as outras. Tudo tem um significado forte. Até mesmo o romeiro ou romeira que foi assaltado pode interpretar o roubo como fazendo parte da penitência.

---

<sup>1</sup> Hierofania pode ser definido como o ato de manifestação do sagrado. O termo foi cunhado por Mircea Eliade em seu livro *Tratado e história das religiões* (2002) para expressar a manifestação do sagrado.

A intenção de Mircea Eliade (2002) de escolher o termo hierofania para designar o ato de manifestação do sagrado, realça o fato de que o sagrado se manifesta na realidade profana. Há também muito forte no Cariri, uma teofania da natureza ligada aos lugares sagrados. Cada romaria é uma festa em que se reencontra o mesmo tempo sagrado, que é o tempo criado e santificado. Pela linguagem dos ritos, os romeiros e romeiras vivem um tempo sagrado, uma espécie de eterno presente mítico.

Ser romeiro e romeira significa um ato de manifestação de fé pública. O sentido da vida e da esperança está fortemente presente. Caminha-se movido por uma forte experiência do sagrado e o local para onde se caminha, o santuário, passa a ser o “centro do mundo”. E esse centro passa a ser o espaço sagrado. Vários estudiosos (ELIADE, 2002; VERGOTE, 1998; DUPRONT, 1987), partem de um mesmo ponto afirmando que a criação do mundo começa num certo centro. A criação do ser humano só poderia ter lugar neste mesmo ponto, real e vivo no mais alto grau. Surge a concepção de que o ser humano foi feito no umbigo da Terra.

O catolicismo vivido expressa um elemento muito forte de resistência. De fato, pode ser uma visão equivocada pensar que a romaria tradicional não pode ter uma dimensão política transformadora. A própria resistência cultura expressa uma dimensão libertadora. As populações empobrecidas da América Latina são um exemplo nesse sentido (PEREGRINO, 1992). Ao lado disso está o reconhecimento de que a matriz cultural religiosa brasileira, sobretudo nordestina, devido ela ser marcada historicamente por elementos míticos, fruto de uma simbiose das religiões indígenas, africanas e do catolicismo ibérico, expressa uma tipologia complexa e transreligiosa.

No campo das romarias tradicionais, há uma variedade significativa de expressões. Em muitas regiões do Brasil, as pessoas do interior que querem alimentar a sua fé em Deus contam apenas com os santuários de romaria como os lugares em que sentem a Igreja como sua. A maioria dos santuários tradicionais é frequentado por pessoas de cultura rural ou de cidades do interior. Isso caracteriza bastante o tipo de liturgia. Por conseguinte, muitas promessas e orações das romarias estão, de algum modo, ligadas à questão da terra.

No final da década de 1970, em plena ditadura militar, surgiram as primeiras Romarias da Terra organizadas pelas pastorais populares, principalmente a Comissão Pastoral da Terra (CPT) e o Conselho Indigenista Missionário (CIMI). Por sugestão de dom Pedro Casaldáliga<sup>2</sup>, 1978 foi declarado Ano dos Mártires. A experiência foi tão marcante que, durante três anos, continuou-se fazendo essa romaria. A partir daí, multiplicaram-se pelo Brasil, tomando um caráter mais regional.

Pode parecer que não, mas na mentalidade romeira, parece que as Romarias da Terra estão em continuidade com as romarias tradicionais. Até porque os romeiros e romeiras, no geral, são os mesmos que vão ao santuário e à área de conflito onde se celebra a romaria. Os santuários tradicionais têm muitos elementos em comum. Em um estudo antropológico sobre o santuário de Bom Jesus da Lapa, Carlos Alberto Steil (1996) pesquisa as modificações existentes, a partir do encontro da tradição do Santuário com o fenômeno da Romaria da Terra e conclui:

Longe de erradicar os outros discursos do espaço do santuário, a Romaria da Terra, na verdade, acaba trazendo mais uma contribuição para a pluralidade dos discursos que compõem o culto da romaria em Bom Jesus da Lapa. A estrutura de compatibilidade que caracteriza o culto no santuário se alarga ainda mais, incluindo o discurso da conscientização. Muitos romeiros de Bom Jesus manifestam grande apreço pelos rituais e pela pregação dos agentes de pastoral e assessores, estabelecendo uma relação de complementaridade entre a visão conscientizadora da religião e a perspectiva veiculada pela tradição oral. São cada vez mais comuns os romeiros que participam das romarias de Bom Jesus, da Soledade e da Terra com igual entusiasmo e envolvimento (STEIL, 1996, p. 280).

Estudar a tipologia das romarias é estudar as várias expressões de fé do povo. Tem havido consideráveis avanços na interpretação e valorização da religiosidade popular no Brasil. O termo religiosidade popular comumente é associado ao termo catolicismo popular (AZZI, 1987; COMBLIN, 1967). Entretanto, Süss (1978) amplia o horizonte indo além do catolicismo popular. A religião vivida nas classes oprimidas é uma elaboração complexa. Há muitos trabalhos na área das ciências sociais que enfatizam a função da religiosidade popular de forma indissociável quando se refere à função

---

<sup>2</sup> Dom Pedro Casaldáliga (1928 – 2020) nasceu em Balsareny, uma província de Barcelona, na Catalunha, em 1928. Bispo da Igreja Católica, escritor e poeta, que fez história na Prelazia de São Félix do Araguaia, no Mato Grosso. Neste Estado, onde reina o latifúndio, converteu-se a causa dos oprimidos, reinventou-se como defensor dos oprimidos, posseiros e camponeses, contra grileiros e grandes fazendeiros.

social e à função religiosa. De fato, as romarias do Juazeiro do padre Cícero Romão são expressão de um povo que resiste a várias formas de opressão. Nesse particular, Süss (1978) defende um limite a partir de uma associação do termo religiosidade popular ao termo catolicismo popular, considerando a existência de uma religiosidade universal, a qual “abrange todos os costumes e vivências religiosas do povo, sejam eles de origem africana, indiana, protestante, católica, espírita ou pagã (SÜSS, 1978, p. 28). E esse enfoque faz jus à área de ciências da religião. Refletindo sobre o campo epistemológico das ciências da religião, o professor Gilbraz Aragão vai mais além quando diz que as Ciências da Religião, devem nos levar a ficarmos mais atentos aos fe-“noumenos” do que ao “noumeno” (ARAGÃO, 2013).

Os documentos oficiais da Igreja católica, desde Medelín - 1968, até nossos dias, têm insistido sobre este tema, sob diversas denominações: “Religião do Povo em América Latina”, “Piedade Popular”, “Catolicismo Popular” (LIBÂNIO, 2006). No decorrer do texto, às vezes, me refiro ao “Catolicismo Vivido”, usando essa expressão do historiador francês Henri Delumeau (DELUMEAU, 1989), que distinguiu o catolicismo como “vivido” para superar a dicotomia catolicismo popular e não popular.

As romarias ao Juazeiro do padre Cícero Romão devem ser vistas como vivências de um povo que busca constantemente um lugar de refrigério para sua vida. É nesse ponto que podemos fazer a distinção entre o tipo deromeiro e romeira turista e o peregrino. O turista olha para fora, excitado pelas novidades que o rodeiam. O peregrino volta-se para dentro de si mesmo enquanto caminha, em busca de um significado escondido na obscuridade do próprio coração.

Tipificando as romarias ao Juazeiro do Norte, em um estudo comparado das religiões, podemos caracterizar alguns aspectos significativos. Primeiro de tudo, observa-se que as romarias ao Juazeiro convertem-se em um grande movimento de espiritualidade pessoal e coletiva, expressando-se de várias maneiras. O histórico dessa romaria é que se chega a pé, a cavalo, de bicicleta, de moto, de caminhão, de ônibus e até de avião. A ida ao Juazeiro corresponde a um deslocamento interior que se traduz em um movimento espiritual. Em termos de peregrinação, toda caminhada que se faz com os pés corresponde a uma caminhada interior.

A espiritualidade romeira tem um enraizamento no aqui e agora, compreendendo-se como caminho para ser feliz por meio da dedicação de sua vida ao benefício dos outros. Isso transparece no decorrer das romarias, pois basta dar uma andada pelos ranchos e pousadas para ver atitudes fraternas em grupos de vários Estados que fazem amizade e se ajudam. As romarias são também a expressão de uma manifestação religiosa eminentemente prática. Uma constatação é fundamental em perceber que a romaria é uma oração espacial e toma conta de todo o ambiente. É um “rito de passagem” (TURNER, 1974), com todas as características de um ritual de iniciação (GENNEP, 1978).

Nas últimas décadas, foco de nossa pesquisa, percebe-se que a tipificação do romeiro e romeira aponta algumas mudanças significativas. A figura do padre Cícero Romão sempre presente em Juazeiro e a persistência dos romeiros e romeiras foi de fundamental importância para a continuação das romarias. O sacerdote e a cidade do Juazeiro são como uma moeda de duas faces. O romeiro e a romeira que visitam Juazeiro têm a convicção de que estão visitando o Padrinho. O Juazeiro, o romeiro, a romeira e seu fundador têm muitos tons, daí a importância de se fazer uma análise dos vários discursos que contém muitas cores e muitos sabores.

### **3 PADRE CÍCERO ROMÃO, AS ROMARIAS E O DESAFIO DA MÍSTICA ROMEIRA**

Depois que o Padre Cícero Romão morreu (1934) a cidade que ele fundou não para de crescer. Parte desse crescimento deve ser creditado aos romeiros que continuaram visitando Juazeiro, atendendo assim ao seu pedido, expresso no testamento (Daniel Walker, *Padre Cícero: a sabedoria do conselheiro do sertão*).

O Juazeiro do Norte e a figura do padre Cícero Romão Batista, desde o início, foram matéria de estudos e interpretações. Por isso, em uma breve revisão bibliográfica, convém distinguir ao menos quatro momentos ou etapas.

Primeiro surgiram os escritos dos que conviveram com o padre Cícero Romão Batista, no período de 1910 – 1940, e testemunharam, em primeira mão, os acontecimentos que deram origem à romaria. Esses foram os cronistas da época. Esse momento ou etapa desenvolve uma produção tecida nos meandros da controvérsia e da apologia.

Tanto o “milagre da hóstia” como a guerra de 1914 despertaram seguidores. Havia uma grande disputa de quem estava a favor ou contra.

No segundo período, das décadas de 1940 – 1970, veio o período polêmico, protagonizado por figuras do clero e por intelectuais iluministas, que se posicionaram em trincheiras cerradas a favor e contra o padre Cícero e a romaria.

No terceiro período, nos anos de 1970 – 2000, apareceram os primeiros intérpretes acadêmicos. Entrou um olhar pluridimensional para interpretar um amplo e complexo fenômeno. Nesse processo surgiram novas abordagens e a necessidade de reorganização dos conceitos, teorias e metodologias de análise. Surgiram outros olhares, sobretudo da sociologia, história, antropologia, que buscaram dar conta da origem, dos desdobramentos e do significado deste evento no âmbito de uma teoria secular e moderna do país e da religião. Percebe-se a passagem entre um primeiro momento, com os marcos biográficos, para um segundo momento, em que a marca será uma análise sócio-política e histórica. Nesse sentido o historiador Ralph Della Cava, na obra *Milagre em Joazeiro (1970)*, empreende talvez a mais completa e bem articulada narrativa e interpretação dos fatos do Juazeiro. Seguiram-se outras publicações muito pertinentes abordando o assunto em múltiplas perspectivas.

Nos anos de 2000 até os nossos dias se desenvolveu um período intenso de acontecimentos. Nesse quarto período, na primeira década do século XXI, veio à luz uma série de novas pesquisas sobre Juazeiro no Norte, no âmbito da antropologia e da crônica jornalística. Seguindo a mesma tendência de estudos etnográficos, em 2011 foi publicada a coleção do centenário (15 livros) da cidade de Juazeiro do Norte (1911 – 2011).

Tudo começou com o nascimento do menino! Era madrugada do dia 24 de março de 1844. É normal que ao contar o nascimento de alguém muito admirado aconteça uma amplificação na narração, tornando o acontecimento algo fantástico. Não foi diferente com o nascimento do menino Cícero. Muito do que se escreveu ou se narrou pela tradição oral a respeito do padre Cícero já faz parte de uma construção mítica.

A imagem de padre Cícero só não está nas igrejas, mas na maioria das casas no Sertão nordestino está sempre exposta em algum lugar. Padre Cícero é sempre

retratado com o cajado, o chapéu e a batina preta inconfundível. Essa iconografia está na fachada das lojas, das farmácias, dos supermercados, dos cartórios, das bodegas, dos comitês eleitorais. Estátuas de Cícero de gesso – e em tamanho natural – adornam até mesmo as agências das grandes redes bancárias espalhadas pela cidade de Juazeiro do Norte.

O ano de 1889 foi crucial e problemático. Precisamente o dia primeiro de março, quando os fiéis de Juazeiro e o próprio padre Cícero testemunharam o “milagre da hóstia” que se transformou em sangue na boca da Beata Maria de Araújo. Será também uma data marcante na vida sacerdotal do padre Cícero: um dia divisor na sua história. “É importante frisar que não foi o padre Cícero protagonista do acontecimento, mas foi uma mulher, negra e pobre. Era uma mística ou uma doente?” (DUMOULIN, 2017, p. 106). Foi deste acontecimento, com duas versões, que brotaram, em sua duplicidade, as chamadas escolas do pró e do contra, do milagre e do embuste supostamente desmascarado.

No acontecimento do “milagre da hóstia”, percebemos claramente que aí está a origem das romarias do Juazeiro do Norte. Nas próprias palavras do padre Cícero, há um reconhecimento tácito de pessoas que rumam para o Juazeiro de forma sempre crescente:

[...] chove de toda parte um aluvião de gente, que tudo quer se confessar, e contritos deveras, verdadeiros romeiros, dos quinhentos, dos mil, dos dois mil, uma coisa extraordinária, famílias e mais famílias, uns a cavalo, outros a pé, com verdadeiro espírito de penitência quanta gente ruim se convertendo, outro milagre [...] (DUMOULIN, 2017, p. 106).

Na movimentação em torno do padre Cícero Romão e do florescente povoado vai se consolidando claramente uma mística forte presente nesse movimento, que Comblin vai chamar de movimento popular (COMBLIN, 2011). A própria atitude do padre Cícero de optar por permanecer no Juazeiro e ser excluído do ministério sacerdotal deve ser visto nesta ótica.

Juazeiro vai se caracterizando como um centro de devoção popular, onde o povo romeiro é sujeito da romaria. O conceito de devoção é muito importante ser

compreendido. Os romeiros e romeiras costumam se identificar como devotos do padre Cícero Romão<sup>3</sup>

As romarias a Juazeiro do Norte começaram a acontecer em fins do século XIX, em torno da questão religiosa decorrente dos milagres da hóstia, envolvendo o padre Cícero e a hierarquia eclesiástica.

Uma figura importante na gênese desse movimento religioso popular é o padre Ibiapina (1806 – 1883) que foi o inspirador do beato Antônio Conselheiro (1830 – 1897) e do próprio padre Cícero (1844 – 1934). Padre Cícero, como era bem informado, conheceu de perto os efeitos da missão do padre e mestre Ibiapina. A experiência vivida no Caldeirão do beato Jose Lourenço (1872 – 1946) é um retrato da influência e do trabalho em mutirão, método missionário do padre Ibiapina.

O segredo da exitosa experiência vivida pelos beatos e beatas é “se organizar de maneira bastante eficiente e produtiva, tendo sentimentos morais como referência para a criação de sua socia(bi)lidade” (CAMPOS, 2013, p, 124). Essa sociabilidade se reflete na disposição de acolhimento dos que chegam, como também da solidariedade permanente aos necessitados. Temos aí um campo fértil para a vivência do catolicismo popular, de modo que a participação na romaria e peregrinação pode significar a afirmação do novo, através de uma volta criativa à tradição.

Os povos antigos viam todos os elementos da vida a partir da fé. As sociedades se organizavam de forma religiosa. Tudo fazia parte do culto: o nascimento, as relações humanas, a caça, a medicina e a vida familiar. Esses elementos, de certa forma, continuam presentes nos dias atuais como descreve Gilbraz Aragão:

No cotidiano do pobre, confundem-se a vida do corpo e a vida do grupo, o trabalho manual e as crenças religiosas. O que caracteriza a cultura popular é o fato de ser muito grupal, mas resguardar um espaço privatizado para a fé, de valorizar tanto materialismo como animismo, possuindo uma visão cíclica da existência que remonta à vida rural e interpreta tudo pelos ciclos da natureza. De forma que o homem pobre, no interior ou no subúrbio, conhece o uso da matéria,

---

<sup>3</sup> É importante considerar que o termo devoção, está diretamente conectado ao macro campo do catolicismo e ao universo da religiosidade popular. Devoção neste contexto está diretamente associada à ligação dos fiéis ao santo devoto, o que gera um movimento, o estabelecimento de relações e compromissos. Podemos também definir religiosidade popular como a experiência religiosa de comunidades pobres que estão à margem da sociedade dominante.

mexe com a terra ou com instrumentos mecânicos que são seu meio de sobrevivência. Por isso ele é realista, prático, sabe até onde pode agir, mas, ao mesmo tempo, recorre a uma força superior que se desdobra em entidades carregadas de energia (os santos e espíritos) (ARAGÃO, 2013, p. 21).

As romeiras e romeiros têm tanta devoção que canonizaram padre Cícero Romão em seu coração, contra a vontade das autoridades da hierarquia da Igreja. Isso porque ele adotou amorosamente os pobres e advogou a causa dos sertanejos sofridos e oprimidos, dedicando-lhes incansavelmente 62 anos de sua vida. E o povo pobre o reconheceu, o defendeu de muitas maneiras e o consagrou, continuando a expressar-lhe a sua devoção através das contínuas e ininterruptas romarias ao Juazeiro do Norte.

Os acontecimentos em torno do padre Cícero Romão e do Juazeiro ocorrem dentro de um momento histórico favorável e muito mais amplo. A luta e a resistência do povo romeiro caracterizam um grande movimento de afirmação cultural e sinalizam a possibilidade de uma alternativa de organização e mobilização em vista da afirmação de uma sociabilidade própria. Uma sociabilidade construída pelos mais pobres, ignorando as estruturas da Igreja e do Estado, afirmando uma maneira de ser apoiando-se na solidariedade para superar os grandes desafios que apareciam. A comunhão humana e a solidariedade social presentes nas romarias para o Juazeiro do Norte, como elementos estruturantes, constituem uma referência importante para afirmação de uma identidade própria. É dentro de um contexto que os romeiros e romeiras do Juazeiro do Norte santificam um padre destituído de suas ordens sacerdotais.

Bem antes do Papa Francisco e do Concílio Vaticano II, antecedem as opções da Igreja pelos pobres elegendo padre Cícero Romão como Padrinho, Intercessor junto a Deus de todos os problemas da vida. Antecipou em muitos anos as opções da Igreja porque os próprios pobres se encarregaram de fazer valer seu direito, mantendo a opção de afirmar seu jeito de crer resistindo em continuar as romarias.

Identificamos alguns desafios que são colocados pelos novos contextos e entre eles é manter a tradição. Manter a tradição dos antigos é fundamental, e a perda ocorrida do transporte em caminhão “pau de arara” foi como se se perdesse uma entidade do

Juazeiro do Norte, porque o referido transporte promovia um ambiente orante de mística solidária, enquanto correspondia às condições financeiras dos romeiros e romeiras mais pobres.

A resistência do movimento religioso popular de Juazeiro, revela um potencial “subversivo” escondido sob as aparências de passividade alienada, e a sua persistência acontece na devoção a um santo quase excomungado e num forte movimento religioso popular. Percebemos que os romeiros e romeiras mantiveram secularmente uma postura que mesclava obediência e resistência. A resistência cultural tem uma dimensão libertária importante, e essa dimensão as romarias desenvolveram a partir de uma espiritualidade relacional conflitiva com a hierarquia. A romaria desenvolveu uma espiritualidade do conflito em relação à hierarquia, mas sem conflitar, ou seja, na sabedoria popular, sempre arrumou um jeito de pacificar a relação com uma certa inteligência para manter a realização da romaria.

Vimos também que o protagonismo dos romeiros e romeiras é atingido pelo acelerado processo de clericalização das romarias que coincide com o movimento em torno da eventual canonização do padre Cícero Romão, em que a ameaça maior não é representada pelo turismo religioso, mas pelo próprio clericalismo. De forma metafórica apropriada, Maria da Conceição Campina, em seu livro *A voz do padre Cícero e outras memórias*, afirmou que “há de chegar o tempo em que vai ter mais padre no Juazeiro que urubu nos ares (CAMPINA, 1985, p. 182). Maneira irônica para falar de um tempo que já estamos presenciando.

Neste sentido, entrevemos que a questão da reabilitação de Padre Cícero é um tema completamente aberto e que continua provocando a nossa reflexão crítica na busca de compreensão dos bastidores da política eclesiástica atual, dentro de um contexto mais amplo. Não resta dúvidas de que o clericalismo está dinamitando a ponte que faz passar o povo romeiro com seu simbolismo e ritualidade genuína.

Chamamos de cristianismo místico beato a esse movimento em torno das romarias do padre Cícero Romão, que faz parte de um universo religioso e simbólico mais amplo, para além de Juazeiro do Norte, marcado pela inclusão do pobre e pela comunhão solidária. Primeiro de tudo, trata-se de um cristianismo extremamente

simples, pode ser praticado a qualquer momento e em qualquer lugar, já que sua teologia é mais colada à vida.

O conceito moderno de religião, em geral compartimentalizado, racionalizado e formal não se adequa bem a essa realidade romeira que é muito mais do diálogo intercultural e inter-religioso.

#### **4 QUESTÕES E POSSIBILIDADES PARA UMA PASTORAL ECUMÊNICA E DIALOGAL DAS ROMARIAS E PEREGRINAÇÕES**

(...) O que mais penso, testo e explico: todo-o-mundo é louco. O senhor, eu, nós, as pessoas todas. Por isso é que se carece principalmente de religião: para se desendoidecer, desdoidar. Reza é que sara loucura. No geral. Isso é que é a salvação-da-alma... Muita religião, seu moço! Eu cá, não perco ocasião de religião. Aproveito de todas. Bebo água de todo rio... Uma só, para mim é pouca, talvez não me chegue. Rezo cristão, católico, embrenho a certo; e aceito as preces de compadre meu Quelemém, doutrina dele, de Cardéque. Mas, quando posso, vou no Midubim, onde um Matias é crente, metodista: a gente se acusa de pecador, lê a Bíblia, e ora, cantando hinos belos deles. Tudo me quieta, me suspende. Qualquer sombrinha me refresca. Mas é só muito provisória. Eu queria rezar – o tempo todo. Muita gente não me aprova, acham que lei de Deus é privilégios, invariável (Guimarães Rosa, *Grande Sertão: veredas*).

Essa palavra de Riobaldo (ROSA, 2016, p. 15-16), personagem da conhecida obra *Grande Sertão: veredas*, de Guimarães Rosa, expressa muito da cultura espiritual das pessoas mais simples de diversas regiões do Brasil. Percebemos que há uma ecumenicidade cultural que se expressa nas romarias e peregrinações. Estudiosos como Riolando Azzi (1978) e Eduardo Hoornaert (1978) aprofundaram essa questão a partir do catolicismo popular.

Constatamos que as diversas expressões da fé do povo romeiro constituem também, nesta região nordestina, o somatório de inúmeras práticas devocionais advindas dos colonizadores, das irmandades religiosas e de pregadores leigos (beatos, benzedoras populares e outros). Assim, essas expressões e práticas (que eles acreditavam serem católicas) carregavam em seu seio elementos vindos de crenças indígenas e negras. Quando se trata de religiões do povo, as fronteiras nem sempre são marcos de separação. Muitas vezes, são pontes ou traços de união. Assim, podemos compreender que, por motivos diversos, seja de parentesco, seja de necessidade

cultural, muitas vezes, as pessoas passam a pertencer a duas comunidades religiosas diversas.

O debate em torno das experiências de dupla ou múltipla pertença religiosa tem despertado a atenção tanto de setores acadêmicos quanto de grupos e lideranças religiosas (RIBEIRO, 2019). É verdade que são experiências marginais e ficam em geral ocultadas e invisibilizadas. Em muitos aspectos deduzimos que há pontos em comum entre o cristianismo místico beato e a tradição judaico-cristã. Primeiro de tudo, trata-se de um cristianismo extremamente simples, pode ser praticado a qualquer momento e em qualquer lugar, já que sua teologia é mais colada à vida. Passa a ser primordial viver a aproximação ao pobre concreto, na vida cotidiana, de forma prática, gratuita e criativa. Este cristianismo popular foi quase sempre menosprezado, submetendo seus praticantes às doutrinas e aos ritos do corpo clerical. Mas é um cristianismo que está disseminado em tradições religiosas diversas. Como vemos abaixo:

A forma que tomou realmente o cristianismo histórico, desde vinte séculos, não prejulga o futuro e não proíbe a utopia de um verdadeiro 'cristianismo mundial', um cristianismo que sendo idêntico a si mesmo, seja verdadeiramente enraizado em todas as grandes culturas. Quando digo enraizado nas culturas, ainda é uma maneira imprópria de falar porque se ele se enraizou verdadeiramente em culturas diferentes da Ocidental, será necessariamente enraizado também nas tradições religiosas diversas (GEFFRÉ, 1999, p.242).

Muito se tem discutido, recentemente, acerca da existência de um "cristianismo popular". Esse cristianismo se desenvolve a partir das expressões da cultura local. E esse movimento interno da cultura acontece desde tempos do cristianismo primitivo. Aqui localizamos expressões religiosas ancestrais. A própria romaria que se faz ao Juazeiro do padre Cícero Romão contém elementos rituais dos indígenas cariris.

No catolicismo popular, temos uma mistura muito grande de indígenas e quilombolas, junto com os pobres, o que enriquece e embaraça nossa visão, rompendo com a ditadura de um modelo único para se pensar a vida social.

É necessário reconstituir a história e adentrar no mito das origens. No caso de Juazeiro, temos que adentrar no chamado Sertão do Cariri<sup>4</sup> que tem origens remotas, na história dos povos originários, sendo necessária uma maior reflexão sobre os antecedentes geográfico, histórico, cultural, mítico e místico da região. A esse respeito, é muito elucidativo o trecho abaixo:

Já antes da chegada dos portugueses e dos missionários, os índios da região consideravam esse espaço, chamado de “Vale do Cariri”, como sagrado. Periodicamente, eles procuravam esse lugar para realizar seus rituais. Esse vale era para eles como um “caldo mítico, encantado”, onde retomavam forças nessa “terra de fertilidade”. Eles a defendiam violentamente contra qualquer invasor. A razão é muito clara: é que, no meio de um sertão árido e intolerante, que eternamente põe à prova a coragem, a resistência e a fé, esse espaço era para eles e ainda é, até hoje, um vale privilegiado, cercado de montanhas (a Chapada do Araripe) cujas entranhas regurgitam água pura em abundância, com suas 348 fontes naturais (DUMOULIN, 2017, p. 43).

Quando os europeus chegaram ao Ceará no século XVI, a terra era povoada por milhares de seres humanos, os quais chamamos de índios, que falavam diferentes línguas e dialetos. Sabemos que o contato entre essas duas culturas foi de conflito permanente. Muitos jesuítas, naquela época, denunciaram as arbitrariedades praticadas por aqueles que viviam da caça de índios; além de escravizá-los, esbulhavam o que possuíam sob qualquer pretexto. Como a resistência indígena no sertão era intensa, os conflitos com os colonizadores resultaram não só na escravização de diferentes povos, mas, principalmente, em muitas guerras de extermínio.

Os povos indígenas resistiram e se espalharam pelo sertão do Nordeste. Em torno das serras criaram-se habitações indígenas. Eram povos acuados pelo avanço do gado e das fazendas, prontos a subirem pelas serras, lugares de refúgio. Interessante observar que Juazeiro é um lugar alto, perto de altas serras, como aquela que faz a divisa com o Piauí. Essa história de “pé da serra” merece uma atenção especial porque é dela que surgem romeiros.

---

<sup>4</sup> O sertão é mais do que um lugar geográfico; como escreve Guimarães Rosa, “o sertão é sem lugar”. Mas a Região do Cariri, tendo em sua geografia parte da Chapada do Araripe, é considerada um oásis por conta da abundância de água, em pleno Sertão.

Ao se examinarem algumas pesquisas sobre o povoamento do Cariri verifica-se que a presença do povo preto foi também uma marca indelével dessa região do Estado do Ceará e, sem sombra de dúvidas, compõe o caldo cultural religioso da região. A influência da matriz negra fez parte no desenvolvimento das romarias.

A vertente cultural afrodescendente presente no cariri se justifica pela notícia que havia ouro na região. Quando pensamos, a técnica de garimpo do Brasil foi realizada por negros que a dominavam (FUNES, 2004). Em 1756 registrou-se a presença de escravizados negros para o trabalho na mineração no Sul do Cariri. A chegada e primeira entrada organizada de escravos negros ocorreu durante a curta existência da Companhia do Ouro das minas de S. José dos Cariris, iniciada em 1756, e que explorou ouro na região sul da capitania. Por conseguinte, a presença do povo preto foi fundante no desenvolvimento da região (DOMINGOS, 2011).

Além de saber lidar bem e ter o domínio da mineração a população negra afrodescendente também era o elemento central na condução dos rebanhos de gado. Por conseguinte, os Cariris e os afrodescendentes estão na gênese do desenvolvimento da região onde o Juazeiro passou a ser um epicentro com o fenômeno religioso.

O místico e o religioso faziam parte do cotidiano de Juazeiro do Norte e tantos outros personagens beatos negros e beatas negras compuseram o estrato social da cidade. É bem verdade que os estudiosos acadêmicos despertaram para esse tema nos últimos anos. Nesse sentido destacamos a figura emblemática da beata Maria de Araújo. Mulher negra que foi a peça central da origem de todo movimento. Outra figura que ligava o místico/religioso foi o negro Beato José Lourenço que conduziu a comunidade igualitária do Caldeirão, que, como Canudos, foi esmagada pelas forças repressoras do Estado com a conivência da Igreja.

O elemento indígena recebeu a energia e magia do povo negro e se juntou à matriz religiosa do catolicismo. Acontece então, uma simbiose, um constante processo de transformação, responsáveis em última instância pela sucessão de configurações hermenêuticas que de época para época dão corpo e vida a tais identidades.

As identidades culturais nunca são retílineas, estáveis, neutras ou puras. A gênese da vivência religiosa do Sertão do Cariri deve ser buscada entre os povos indígenas. Esse aspecto não deve ser deixado de lado. Em virtude do que foi mencionado por Boaventura de Souza Santos (2010) já nos chamara a atenção para este dado:

Sabemos hoje que as identidades culturais não são rígidas nem, muito menos, imutáveis. São resultados sempre transitórios e fugazes de processos de identificação. Mesmo as identidades mais sólidas, como a de mulher, homem, país africano, país latino-americano ou país europeu, escondem negociações de sentido, jogos de polissemia, choque de temporalidades em constante processo de transformação, responsáveis em última instância pela sucessão de configurações, responsáveis em última instância pela sucessão de configurações hermenêuticas que de época para época dão corpo e vida a tais identidades. Identidade são, pois, identificações em curso (SANTOS, 2010, p. 135)

Pode-se afirmar que, em razão dessa mistura racial formou-se uma miscigenação como fator preponderante da diversidade social e cultural que caracterizam nosso país (RIBEIRO, 1996), possuidora de uma idiosincrasia única e complexa. A propósito, no dia 20 de julho de 2019, presenciei cenas extraordinárias em frente à Capela do Socorro, no Juazeiro, quando, ao término da missa, espontaneamente se apresentaram para os romeiros e romeiras dois grupos étnicos populares: a Dança de São Gonçalo, oriunda da Bahia (NUNES, 2007) e os indígenas Pankararu, do Sertão de Pernambuco (CUNHA, 1999). Aqui temos um retrato bem real de uma mistura de devoções. Alguns estudiosos irão falar de experiências de dupla ou múltipla pertença. Nessa linha Claudio de Oliveira Ribeiro insiste que é importante

superar a visão que reduz a religião a declarações formais e objetivas de pertença e compreendê-la no aspecto mais global e variado do cotidiano, com todas as fronteiras e entre lugares que possui, além de se constituir um desafio para as Igrejas cristãs tradicionais, abriria também novas possibilidades para os diálogos inter-religiosos especialmente porque redesenharia os imaginários que o pluralismo religioso cria com a máxima 'somos todos iguais' (RIBEIRO, 2019, p. 22).

Abre-se um leque muito grande para a reflexões em torno do pluralismo religioso em experiência como as romarias do padre Cícero Romão. Nossa pressuposição é que tais experiências, em geral, são ocultadas e, por isso, muito pouco viabilizadas. Mas com as novas abordagens, a partir dos estudos das ciências da religião começa-se, pouco a pouco, descobrir o que estava encoberto. Sobretudo porque o universo

simbólico das culturas brasileiras, especialmente no campo popular, não comporta certa rigidez e reducionismo. Mas como acontece a pastoral ecumênica e dialogal em torno dos grandes centros de romaria? Perguntando a vários líderes religiosos, em vários santuários do país, percebi que não existe uma abertura à ecumenicidade pastoral nesse aspecto.

O ecumenismo prático acontece entre os romeiros e romeiras. Entrevistei um “romeiro/evangélico” no Juazeiro do padre Cícero e escutei um testemunho impactante: “eu mesmo sou de Pernambuco e de uma Igreja evangélica, mas nunca deixei de vir em romaria todo ano agradecer e pedir a benção de meu Padrinho Ciço” (PEREGRINO, 2021, p. 69). Também, é elucidativo o que presenciei, em uma peregrinação à Juazeiro. Uma senhora evangélica, já idosa, me convidar para entrar em sua casa e ao levantar um quadro da parede - retratava Moisés e o Mar Vermelho - tive uma surpresa: o que tinha atrás do quadro era uma bela imagem do padre Cícero Romão e de Nossa Senhora das Dores. Assim ela exclamou: “eles estão aqui dentro do meu coração e ninguém tira” (PEREGRINO, 2019, p. 87). Na conclusão de uma pesquisa que fiz sobre o padre Cícero Romão e as romarias tive a alegria de contar com a presença de Santana, o Cantador, que assim se expressou:

sou cariense, nasci na capital do Cariri, Juazeiro do Norte. Sou devoto de padre Cíço Romão. No meu ponto de vista de leigo quero dizer que a mediunidade no padre Cícero era uma coisa fantástica. Ele tinha várias tendências mediúnicas, por isso previa fatos, acontecimentos. E a mediunidade não escolhe religião. Tem até ateus que são médiuns (PEREGRINO, 2021, p. 121).

A partir de um fenômeno religioso, o caso do Juazeiro, observamos uma movimentação de várias tradições: indígena, afrodescendente, cristã católica, cristã evangélica e kardecista. Como desenvolver uma pastoral do amor e do diálogo a partir dessa realidade? Os agentes de pastoral precisam valorizar a experiência das pessoas que vivem nas fronteiras entre duas ou mais tradições. A pastoral dá o que pensar e é desafiada pela “inteligência da prática transformadora da fé” (BRIGHENTI, 2006, p. 13).

Esses testemunhos nos colocam em cheio no coração do que chamamos ecumenismo. Ecumênico significa ser universal, no sentido de assumir o fato de pertencermos ao cosmos como membros da comunidade da vida. É verdadeiramente

ecumênico quem é aberto a tudo o que é humano. Vemos que isso só pode ser vivido a partir da inserção em sua própria realidade cultural, o que significa assumir o sincretismo não como mistura ou confusão de crenças, mas como síntese interior. Raimon Panikkar chamava isso de “diálogo intrarreligioso” (PANIKKA, 1998), um diálogo dentro de si mesmo que cria uma unidade interior na diversidade de caminhos.

Uma marca da sociedade contemporânea é que “os diferentes sistemas religiosos particulares são complementares, e não excludentes” (STEIL, 2008, p.10). A pastoral ecumênica dialogal de romaria deve aprofundar o conhecimento das tradições e fazer esse diálogo profundo e fecundo com as Igrejas e religiões para que todos possam viver com os olhos postos no horizonte do Reino da justiça e do amor.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Deixai cada impressão, cada semente de um sentimento germinar por completo dentro de si, na escuridão do indizível e do inconsciente, em um ponto inalcançável para o próximo entendimento, e esperar com profunda humildade e paciência a hora do nascimento de uma nova clareza: só isso se chama viver artisticamente, tanto na compreensão quanto na criação (Rainer Maria Rilke, *O livro de horas*).

As romarias parecem algo monolítico, mas têm uma dimensão profundamente plural. Há uma diversificação fantástica nas suas várias expressões, por isso, destacamos suas possibilidades, investigando suas tipologias para identificar seu espaço de interação entre a tradição e a modernidade. É importante investigar a resignificação das romarias e dentro dela verificar o papel e perfil dos romeiros e romeiras.

A análise do tecido que constitui o movimento sócio-religioso de Juazeiro, seus nós, suas tramas, sobretudo aquelas urdidas nas três últimas décadas, permitiu a construção de uma perspectiva compreensiva referente à ação dos diferentes atores sociais envolvidos, com o objetivo de contribuir para a reflexão crítica acerca da trajetória do movimento de Juazeiro e para além dele.

O fenômeno das romarias do padre Cícero Romão nos coloca diante de uma complexidade: nem a estrutura é um sistema estático, nem a mudança é um desmantelamento da estrutura. Sahlins corrobora com nossa percepção quando afirma que “a vida em sociedade não é uma genuflexão automática diante do ser

superorgânico, mas, antes, um rearranjo contínuo de suas categorias e projetos de existência pessoal” (SAHLINS, 1990, p. 309). Nesse mesmo sentido, Bourdieu (1998) considera que estrutura tanto se reproduz como muda, através de estratégias de conservação e subversão. Os romeiros e romeiras não foram passivos aos obstáculos impostos pela sociedade dominante. Há continuidades, mas também há rupturas em todo o processo, considerando os contextos locais e apropriações do evento por agentes externos.

A resistência do movimento religioso popular de Juazeiro, revela um potencial “subversivo” escondido sob as aparências de passividade alienada, e a sua persistência acontece na devoção a um santo quase excomungado e num forte movimento religioso popular. Percebemos que os romeiros e romeiras mantiveram secularmente uma postura que mesclava obediência e resistência.

A autoprodução e a resistência foram impulsionadoras de um processo religioso popular que transformou a região do Cariri cearense num importante centro de peregrinação no Nordeste do Brasil, e essa resistência cultural é um dos temas fundamentais para compreender o fenômeno das romarias ao Juazeiro do Norte.

O fenômeno do catolicismo brasileiro tem sido analisado de inúmeras formas. Sua importância inscreve-se nos estudos de temas contemporâneos. No caso concreto do Juazeiro, essa construção envolve o reconhecimento do laço de pertencimento ao tempo da romaria, como fonte de identidade cultural. Foi exatamente esse movimento popular devocional que obrigou a Igreja hierárquica a se posicionar em favor das romarias, mostrando assim uma forte dimensão identitária.

Atestamos que a romeira e o romeiro do padre Cícero Romão são protagonistas de uma liturgia própria, isto é, têm um jeito próprio de celebrar. A espiritualidade, como dimensão fundamental e inerente ao ser humano, está presente na liturgia romeira porque corpo, mente, alma, espírito formam uma unidade. Percebemos que a romaria carrega muito fortemente a harmonia entre o gesto corporal e sua correspondente atitude interior.

Chamamos de cristianismo místico beato a esse movimento em torno das romarias do padre Cícero Romão, que faz parte de um universo religioso e simbólico mais

amplo, para além de Juazeiro do Norte, marcado pela inclusão do pobre e pela comunhão solidária.

O cristianismo místico beato tem uma alma que se chama hospitalidade. Isso porque a centralidade é a boa convivência, das virtudes pessoais e familiares, do seguimento de Jesus, geralmente do Crucificado no qual os fiéis veem sua própria situação crucificada, por serem gente trabalhadora e sofrida. Esse cristianismo não deixa de ser festeiro, acompanhado de santos e santas protetores, cheios de cores, danças, comidas e bebidas.

Levando-se em consideração os aspectos do pluralismo cultural-religioso que é um fato e é um bem a ser valorizado positivamente percebemos que há elementos de “dupla” ou “múltipla pertença religiosa” presente neste fenômeno analisado. Em face da realidade, vislumbramos que há um grande desafio para a pastoral ecumênica e dialogal das romarias e peregrinações. Igrejas e religiões precisam valorizar a experiência das pessoas que vivem nas fronteiras.

## REFERÊNCIAS

- ARAGÃO, Gilbraz. Inculturação da fé cristã na religiosidade popular. *Vida Pastoral*, São Paulo, ano 54, n. 289, abr. 2013. Disponível em: <https://www.vidapastoral.com.br/artigos/temas-pastorais/inculturacao-da-fe-crista-na-religiosidade-popular/>. Acesso em: 12 out. 2019.
- AZZI, Riolando. *O catolicismo popular no Brasil: aspectos históricos*. Petrópolis: Vozes, 1978.
- AZZI, Riolando. *A cristandade colonial: mito e ideologia*. Petrópolis: Vozes, 1987.
- BARROS, Luitgarde Oliveira Cavalcante. *A terra da mãe de Deus*. Rio de Janeiro: Francisco Alves; INL, 1988.
- BARROS, Marcelo; PEREGRINO, Artur. *A festa dos pequenos: as romarias da terra no Brasil*. São Paulo: Paulus, 1996.
- BENEITO, Pablo. Ibn ARABI. *O segredo dos Nomes de Deus: introdução, edição crítica e notas*. Rio de Janeiro: ATTA EDITORIAL, 2020.
- BRIGHENTI, Agenor. *A pastoral dá o que pensar: a inteligência da prática transformadora da fé*. São Paulo: Paulinas, 2006.
- CAMPINA, Maria da Conceição Lopes. *Voz do Padre Cícero*. São Paulo: Paulinas, 1985.

- CAMPOS, Roberta Bivar. *Quando a tristeza é bela: o sofrimento e a constituição do social e da verdade ente os Ave de Jesus – Juazeiro do Norte – CE*. Recife: Editora da UFPE, 2013.
- CUNHA, Maximiliano Carneiro. *A música encantada Pankararu*. Recife, 1999. Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia Cultural da Universidade Federal de Pernambuco.
- COMBLIN, José. *Padre Cícero de Juazeiro*. São Paulo: Paulus, 2011.
- COMBLIN, José. Prolegômenos da catequese no Brasil. *Revista Eclesiástica Brasileira (REB)*, Petrópolis, v. 27, n. 4, dez. 1967.
- DELUMEAU, Jean. *História do medo no Ocidente 1300 - 1800*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
- DOMINGOS, Reginaldo Ferreira. *Pedagogias da transmissão da religiosidade africana na casa de Candomblé labasé de Xangô e Oxum de Juazeiro do Norte-CE*. 2011. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal do Ceará, Faculdade de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira, Fortaleza, 2011.
- DUMOULIN, Annette. *Padre Cícero: santo dos pobres, santo da igreja*. Petrópolis: Vozes, 2017.
- DUMOULIN, Annette. A romaria em Juazeiro do Norte. *Romeiros de ontem e de hoje: peregrinação e romaria na bíblia*, Petrópolis, n. 28, p. 42-53, jan./jun., 1990.
- DUMOULIN, Anne; GUIMARÃES, Therezinha Stella. *O Padre Cícero por ele mesmo*. Petrópolis: Vozes, 1983.
- DUPRONT, Alphonse. *Du sacré*. Paris: Gallimard, 1987.
- ELIADE, Mircea. *Tratado de história das religiões*. São Paulo: Martins Fontes, 2002.
- FUNES, Eurípedes Antônio. Negros no Ceará. In: SOUZA, Simone de, GONÇALVES, Adelaide. (org). *Uma nova História do Ceará*. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2004
- GEERTZ, Clifford. *Nova luz sobre a antropologia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.
- GEFFRÉ, Claude. *Profession Théologien*. Paris: Ed. Albin Michel, 1999.
- GENNEP, Arnold Van. *Os ritos de passagem*. Petrópolis: Vozes, 1987.
- HOORNAERT, Eduardo. *Formação do catolicismo brasileiro*. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 1978.
- LIBÂNIO, João Batista. *Qual o futuro do cristianismo?* São Paulo: Paulus, 2006.
- NUNES, Cícera. *O Reisado em Juazeiro do Norte - CE e os Conteúdos da História e Cultura Africana e Afrodescendente: uma proposta para a implementação da lei nº. 10.639/03*. 2007. Dissertação (Mestrado em Educação). Juazeiro do Norte: Faculdade de Educação – UFC, 2007.

- PANIKKA, Raimon. *Entre Dieu et le cosmos*. Entretiens avec Gwendoline Jarczyk. Paris: Albin Michel, 1998.
- PEREGRINO, Artur. *Herança das reformas: papel de mulheres e homens em 500 anos de história*. São Paulo: Fonte Editorial, 2019.
- PEREGRINO, Artur. *O Diário de uma Tese: casamento da poeira dos livros com a poeira da estrada*. Recife, Universidade Católica de Pernambuco, 2021, s.d. 133 p. (mimeo)
- PEREGRINO, Artur. *À SOMBRA DO JUAZEIRO: as transformações da experiência religiosa popular no Juazeiro do Padre Cícero (1986-2016)*, 2020. 413 p. Tese (Doutorado em Ciências da Religião) UNICAP. Recife.
- PEREGRINO, Artur. *Voz do sangue que clama da terra*. Recife: CPT, 1992.
- RILKE, Rainer Maria. *O livro de horas*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1993.
- RIBEIRO, Darcy. *O povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- RIBEIRO, Cláudio de Oliveira; TOSTES, Angelica. *Religião, Diálogo e Múltiplas Pertencas*. São Paulo, ANNABLUME, 2019.
- ROSA, João Guimarães. *Grande Sertão: veredas*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006.
- SANTOS, Boaventura de Souza. *Pela mão de Alice: o social e o político na pós-modernidade*. São Paulo: Cortez, 2010.
- SAHLINS, Marshall. *Historical metaphors and mythical realities*. Ann Arbor: University of Michigan Press, 1986.
- STEIL, Carlos Alberto. "Oferta simbólica e mercado religioso na sociedade global". In: MOREIRA, Alberto da Silva & DIAS DE OLIVEIRA, Irene (orgs.). *O Futuro da Religião na Sociedade Global*. São Paulo-SP, Paulinas/UCG, 2008.
- STEIL, Carlos Alberto. *O sertão das romarias: um estudo antropológico sobre o santuário de Bom Jesus da Lapa – BA*. Petrópolis: Vozes, 1996.
- SÜSS, Günter Paulo. *O catolicismo popular no Brasil: tipologia de uma religiosidade vivida*. São Paulo: Loyola, 1978.
- TURNER, Vitor. *O processo ritual: estrutura e antiestrutura*. Petrópolis: Vozes, 1974.
- TERRIN, Aldo Natale. *Antropologia e horizontes do sagrado: culturas e religiões*. São Paulo: Paulus, 2004.
- VERGOTE, Antoine. *Culpa y deseo: dos ejes cristianos y la desviación patológica*. Lima: Universidad de Lima, 1998.
- WALKER, Daniel. *Padre Cícero: a sabedoria do conselheiro do sertão*. Fortaleza: Expressão Gráfica, 2009.